

O paradoxismo
ou a antipoesia



L • E • T • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL ANO I Nº 11

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 28 de abril de 1994



**A estética
do desejo
inusitado**

A antipoesia ou o paradoxismo

□ Teresinka Pereira
Bluffton College

Na década passada, por volta de 1980, apareceu na Romênia um movimento literário chamado **Paradoxismo**. Um de seus criadores, Florentin Smarandache, refugiou-se nos Estados Unidos em 1989 e através da International Writers and Artists Association divulgou seu movimento por muitos países da Europa e da América, inclusive o Brasil.

O **Paradoxismo** prega a antipoesia, ou seja, uma poesia sem linguagem poética, sem sentido e sem mensagem. Mas esta mesma poesia, devido ao seu antitexto, no qual se faz evidente o protesto à sociedade, ao governo e até a vida propriamente dita, acabou por se tornar um veículo de expressão dos poetas, de sua angústia sem denominação, pelo mero fato de estar vivos e ter que conviver com os outros seres humanos "normais", isto é, não filósofos, não poetas.

O poeta é diferente dos

outros humanos pela sua maneira especial de sentir a vida mais intensamente que os outros e pela sua maneira livre de pensar. O livre pensador está sempre em choque com a família, a sociedade e o governo, os quais exercem extrema repressão contra seu pensamento "diferente" e livre. Por sua natureza rebelde o poeta acaba achando que só pode exprimir as suas emoções e seus pensamentos através do "paradoxo". Daí o nome do movimento literário romeno.

Escrevendo durante o mesmo período, isto é, de 1984 a 1988, nos Estados Unidos, o poeta Dennis Kann, sem nenhuma relação com o poeta romeno, sem conhecê-lo sequer, escreve um livro de antipoesia, intitulado **The Grocery List (A Lista de Mantimentos)**. Seus poemas aparecem como consequência de sua rebelião contra a sociedade capitalista, autoritária e

dogmática que tampouco aceita o ser livre-pensador.

A relação e a coincidência do aparecimento da poesia paradoxista nestes dois países de sistema político antagônico pode ser vista como uma previsão do futuro estado de corrupção de alguns líderes socialistas e da união dos países rivais para conviver

a mesma decadência política do capitalismo.

A coincidência do **Paradoxismo** é uma prova de que o poeta é um ser humano especial e diferente e que protesta contra a exploração do homem pelo homem e pela repressão de seu pensamento livre em qualquer país e em qualquer sistema político que o

oprima. É prova também de que a liberdade individual do capitalismo é pura ilusão.

Entrevistei a ambos poetas em ocasiões diferentes e acabei descobrindo que a fonte literária da rebeldia poética paradoxista de ambos vem do existencialismo francês. Não do existencialismo via Sartre, mas do existencialismo via Albert Camus.

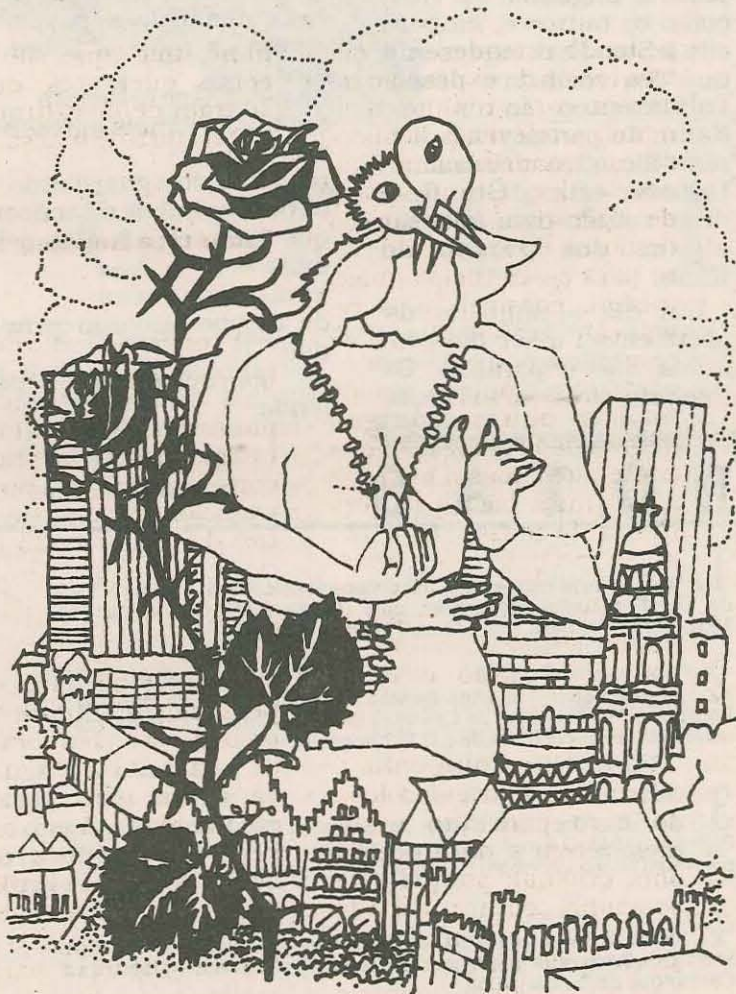
Depois de conversar com Dennis Kann, tive a curiosidade de consultar o volume **le Mythe de Sisyphe** e lá estava, palavra por palavra as citações orais do poeta estadunidense que é um grande admirador de Camus. O Poeta Kann pode citar parágrafos e parágrafos de Camus, a quem leu muitas vezes e com quem sente afinidade intelectual.

O livro **O Mito de Sísifo** começa o primeiro capítulo com a seguinte frase:

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério e este é o suicídio.

Mais adiante Albert Camus explica:

Falar a verdade é uma questão de futilidade. Mas algumas pessoas morrem porque elas julgam que a vida não vale a pena ser vivida. Outras, paradoxalmente morrem pelas idéias ou ilusões que lhes dão a razão para viver (o que é razão para viver é também uma excelente razão para morrer). Portanto chego a conclusão de que a razão



Dr. Reginald Reynaud Ruen
Master of the 3 R's

"Waiting for my wife"

"How to get through the day"

Dr. Reginald Reynaud Ruen
Mestre dos 3 Rs.

"Esperando minha mulher"

"Como sobreviver mais um dia"



**Maria de Lourdes
Abadia — PSDB**

Uma Cultura Inacessível

Recentemente foi encenado, no Teatro Galpão, o texto "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, montagem dos irmãos Adriano e Fernando Guimarães, vencedor, por sinal, do Prêmio Sesi de Teatro 93, certame nacional. A novidade, além de ser montagem nossa, os ingressos gratuitos. A casa lotou em todos os dias de apresentação, quem quis assistir, não conseguiu. A iniciativa é praticamente única no DF, local em que, não se sabe a razão, exatamente, os ingressos para qualquer espetáculo são os mais

caros do país, mesmo para um simples cinema. As questões são estas: preços, falta de incentivo regional para nossas produções. Resultando uma cultura inacessível para a maioria da população do DF, principalmente para quem reside nas cidades-satélites. O morador de Planaltina não tem um cinema, um teatro — se quiser assistir algo no gênero, terá que se deslocar. A capital não é mais aquele marasmo cultural de alguns anos. Temos espetáculos até internacionais, como a apresentação da Orquestra de São

Petersburgo, o pianista francês Oliver Cazal (por sinal, ingressos grátis). A conclusão é que temos, nós, brasileiros, políticos, empresários, tecnocratas, enfim, de agir no sentido de democratizar, de uma vez por todas, a cultura no DF. Patrocinando espetáculos, abrindo salas em todos os lugares, incentivando embriões. Porque um povo que não estimula sua cultura, não sobrevive. Levamos uma grande vantagem: somos produto de várias regiões.

da vida é a mais urgente das questões.

Está aí um dos temas mais usados pelos poetas filósofos, paradoxistas, que recomendam, inclusive, a ironia comuniana.

Mas há uma diferença essencial entre o poeta romeno e o poeta norte-americano e é uma diferença de tática comunicativa. Smarandache teorizou o movimento, lançou um "Manifesto Paradoxista" e viaja pelo mundo promovendo o paradoxismo. Kann tomou uma atitude mais radical e drástica com respeito a anti-literatura: escondê-la. Escreveu prolificamente durante vários anos, poemas, crônicas, estórias, narrativas, gravou uma novela em cassete de som, mas se negou a publicá-la e até mesmo a falar sobre seus escritos.

Ultimamente tomou um pouco de confiança e sua responsabilidade como Vice-Presidente da International Writers and Artists Association fez justificar para sua própria razão que a literatura inédita não tem existência útil. Por isto entregou-me um de seus manuscritos, o qual foi lido imediatamente com a voracidade de que sou capaz. Fiquei maravilhada ao mesmo tempo que chocada: o extremo com o pessimismo e a angústia que levaram o poeta a produzir tal obra. Entretanto, tomando a consciência da profundidade de seus raciocínios e entusiasmada com o privilégio e a propriedade que me oferece, resolvi editá-lo, com a urgência que requeria sua acanhada permissão.

Durante todo o tempo que trabalhei com o manuscrito, tive sempre o medo de que o poeta, arrependido de seu gesto comunicativo, retirasse a licença da edição. Por isto a

Page 1

*Writing is hard.
That's why I don't
Do it.*

seleção dos poemas do fato material manuscrito incluído no livro, é eclética e está baseada na simplicidade e relativa brevidade dos poemas. A minha intenção é divulgar o livro em várias línguas, portanto a possibilidade de tradução foi um fator importante na escolha dos poemas.

Um dos textos de Kann que não foi incluído na seleção por causa da extensão e do hermetismo do mesmo é "I'm Fed Up Filles on the Talbe" (Estou de saco cheio/ Moscas na Mesa). Este texto tem por tema a angústia da vida, como os outros e, embora cite a Stendhal, representa um dos melhores desenvolvimentos feitos por Kann, do pensamento literário-filosófico comuniano. Usamos esta parte final deste estudo para analisar alguns dos versos do Kann.

Um dia a angústia do poeta chega a ser tão profunda que o paralisa. Os três primeiros versos desta

Página 1

*É duro escrever.
É por isto que eu
não faço isto.*

antipoesia - texto. Estou acabado, mal sou capaz de funcionar e de tomar conta de mim mesmo.

Por isto o poeta passa a maldizer a vida em geral:

A vida é o fim

O ser humano é o fim

A vida é um dormir e caminhar entre catástrofes.

A este ponto o leitor pode visualizar o poeta sentado a escrever, não a sua escrivaninha, mas a mesa da cozinha, e ele faz uma pausa no fluir de sua consciência, no seu pensamento, nas suas idéias filosóficas e metafísicas, para observar as moscas sobre a mesa:

As moscas se arrastam em maior e mais agressivo número

reclamando e guardando os poucos cubos de açúcar que estão espalhados pela mesa —

uma clássica cena de comportamento primitivo de sobrevivência, copulando.

NOTAS

1. "O Manifesto Paradoxista" foi publicado na capa do volume 1, nº 1 de *The Paradoxist Movement*, uma revista antiliterária. Dezembro 1991-Dezembro 1992. The Editors: Phoenix, AZ, USA.

2. Albert Camus, escritor francês nascido na Argélia em 1913. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957. Entre seus livros mais conhecidos estão: *O Rebelde* e *O Estrangeiro*.

3. Camus, Albert: *Le Mythe de Sisyphe*. Paris, França: Librairie Gallimard, 1942. O livro foi publicado em Nova York em inglês em 1955 por Alfred Knopf e Random House, em tradução de Justin O'Brien.

4. Stendhal, Henri (1783-1842), escritor francês nascido em Grenoble. Entre seus livros mais famosos estão: *Le Rouge et le Noir* (1831) e *La Chartreuse de Parme* (1839).

O poeta põe-se a comparar o comportamento das moscas da sua cozinha com o comportamento do ser humano:

O ser humano sofisticado, tão inteligente, tão cheio de si, comporta-se da mesma maneira, arrastando-se sobre o planeta Terra.

E sendo mais agressivamente crítico com o ser humano, porque ele é mais cruel do

que a mosca, o poeta continua por enumerar, os pontos negativos do

comportamento do homem:

destruindo, consumindo, poluindo, absurdamente e sem lógica nem razão.

E para terminar esta página, Kann cita a Stendhal:

O "Deserto de egoísmo" de Stendhal

está literalmente se transformando

em um deserto humano porque o homem continua a violar

e a roubar a terra e o mar.

Este texto, mesmo sendo mais extenso que os outros e mais desenvolvido, precisa de ser interpretado para ser entendido em sua complexidade. Inclusive, se o título de Stendhal não fosse por si mesmo significativo, não seria possível entender o final do poema sem o trabalho de fazer uma consulta as obras do escritor francês.

Esta é a situação que levou o poeta a se fazer paradoxista. Vivendo numa sociedade de consumo, rica, onde o conforto e o dinheiro formam a razão prioritária de motivação para as pessoas "normais" viverem, ele se recusa a participar da voracidade e da pilhagem, das riquezas da Terra.

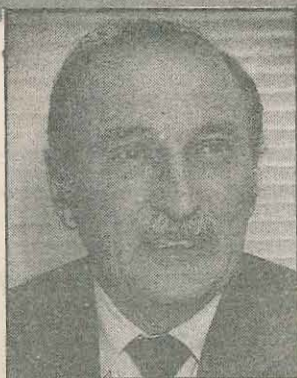
Dennis Kann

O poeta Dennis Kann, nascido em Dakota do Norte, Estados Unidos, foi broadcaster de televisão e rádio. Começou a escrever sob o pseudônimo de Dr. Ruen. O título de seu primeiro livro de poesias foi *A Grocery List* e de seu primeiro romance foi *A Mortal Adventure*.

Dennis Kann abandonou seus estudos na Universidade Northwestern de Illinois, porque seu time de futebol vivia perdendo nos jogos e esteve estudando nas universidades de Minnesota e Minot State por algum tempo. Por fim abandonou de vez a vida acadêmica para ser poeta e pensador aposentado. Seu autor predileto é Albert Camus. Recentemente Kann foi eleito membro da **Associação do Movimento Literário Paradoxista**.

Entre suas publicações de poesia paradoxista podemos citar "A Perversão dos Objetos Inanimados" e "Epitáfio", na revista *Hot for Spring* nº 5 e nº 6, USA; "Page 1/Página 1", "Dr. Reginaldo Reynaud Ruen, Mestre dos 3 Rs" na revista *Bluffton Cultural* nº 20, USA.

Dennis Kann é o Vice-Presidente da **International Writers and Artists Association**.



**José
Ornellas — PL**

A cultura e a comunidade

Uma sociedade culta é o sonho que todos os povos anseiam. Atingir este objetivo, significa desenvolver um trabalho constante, bem elaborado e até ousado, por se tratar de um processo que demanda, antes de tudo, muita persistência.

De um modo geral, a comunidade se preocupa em acompanhar todos os avanços tecnológicos com o propósito de estar preparada para os embates ideológicos e também democráticos que já fazem parte de nosso dia-a-dia.

A cultura abre as portas do conhecimento e permite a grandeza do pensamento para alcançar o universo a que cada ser humano se predispõe, respeitando as suas limitações transitórias. A importância de todo trabalho que envolve manifestações culturais deve ser reconhecida e incentivada pelas classes afins, pela comunidade, por nós homens públicos, e merecer do Governo uma atenção especial no sentido de incentivar na busca dos objetivos a serem ainda atingidos.

O "DF LETRAS" executa hoje esta nobre tarefa levando à comunidade a beleza da cultura. É mais um serviço ao alcance da comunidade porque alimenta e abastece a nossa sede de saber e conhecer. Devemos, porém, não deixar de afirmar: o desenvolvimento, o progresso, a democracia e a paz estão aliados às bases que a cultura alimenta.

Apoiarmos coletivamente estas manifestações culturais é uma exigência da comunidade e um dever destacado desta Casa.